



CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL FRENTE A GRAVIDEZ E O ABORTO NA DOLESCÊNCIA

Maria Izabel Cosme de Brito ¹

Edivaldo Xavier da Silva Junior ²

RESUMO

A transição da adolescência para a fase adulta é um fenômeno complexo, pois o corpo sofre transformações adaptativas aos caracteres sexuais secundários. Com isso, ocorre o início, prematuro, da atividade sexual, o que pode acarretar a uma gestação não planejada e o aborto pode se tornar uma saída a este desafio. Desta forma, o presente estudo tem como objetivo descrever a importância da educação sexual como proposta para contribuir na diminuição de casos de gravidez precoce, bem como aborto clandestino, com base em literatura especializada. O estudo constituiu-se de uma revisão na literatura, do tipo descritiva, com base em produções científicas indexadas PEPSIC, Google Acadêmico e Scielo, entre o período de 2010 e 2020. Obteve-se 17 artigos que permitiu abordar o tema central do estudo de forma diversificada a fim de enfatizar a importância do conhecimento do corpo como prevenção da gravidez precoce e, por consequente, evitar a procura por procedimentos de aborto clandestino. A falta de planejamento e ausência de suporte familiar, faz com que adolescentes busquem a prática do aborto. A família e a escola são importantes na transmissão de informações, desse modo a educação sexual se torna necessária e transformadora, tanto para a vida dos adolescentes quanto para seu meio social.

Palavras-chave: gravidez precoce, aborto clandestino, educação sexual, sensibilização escolar.

INTRODUÇÃO

A fase de adolescência é caracterizada por etapas de desenvolvimento físico, mental, emocional e social, chama a atenção pelas transformações que promove (AMORIM E FREITAS, 2013). As mudanças nesse período estão vinculadas ao aprendizado da sociabilidade, dos modelos de gêneros, dos valores, das moralidades sociais e das dificuldades advindas, experiências que ampliam suas vulnerabilidades (GONÇALVES et al., 2015). A transição da infância para a fase adulta é um processo lento e complexo, quando ainda está se

¹Graduada no Curso de Ciências biológicas da Universidade de Pernambuco-UPE, isabellacerda92@hotmail.com

²Professor orientador: Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, edivaldo.junior@upe.br



adaptando às transformações que estão ocorrendo em seu corpo, resultantes das alterações hormonais que acontecem durante a puberdade (POERSCH et al., 2015)

O início da vida sexual dos brasileiros ocorre, em geral, durante a adolescência, Segundo dados do OMS, a média de idade da primeira relação sexual no Brasil é de 14,9 anos, sendo que as mulheres iniciam de forma mais tardia do que os homens. Dados mais recentes demonstram que 29% dos adolescentes de 13 a 15 anos entrevistados pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), de 2012, já tiveram relação sexual (IBGE, 2013).

Nessa etapa da vida, a sexualidade precoce aumenta e a vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), bem como a gravidez na adolescência (SILVA, 2015).

A gravidez precoce ocorre por diversos fatores, como a submissão de mulheres à vontade de seu parceiro, bem como a desproteção nas relações sexuais, ou até mesmo por falta de acesso às informações, o uso incorreto ou mesmo o não uso dos métodos anticoncepcionais, pesquisas mostram que o início da atividade sexual pelos jovens é cada vez mais precoce, contribuindo para o aumento nos índices de gravidez indesejada (CARVALHO, 2011).

A gravidez na adolescência é um fenômeno complexo, associado a vários fatores, econômicos, sociais e de comportamento sexual, sendo considerado, nessas últimas décadas, um problema de saúde pública, em virtude da frequência que vem ocorrendo (SILVA et al., 2015). A porcentagem de casos de gravidez, tem se mantido elevado nos países em desenvolvimento, como o Brasil. Nas faixas etárias mais avançadas vem decrescendo e o que alarma é o aumento, recente, nas idades mais baixas, entre 10 anos e 15 anos (COSTA E FREITAS, 2019).

Na adolescência, a gravidez é sempre considerada de alto risco, podendo propiciar o aparecimento de uma série de complicações para mãe e para o feto, pelas alterações biológicas, psicológicas, sociais e culturais que podem advir (DIAS et al., 2010). Nesses casos, os conflitos com relação à aceitação da gravidez são comuns e a possibilidade de aborto induzido aumentam (PARCERO et al., 2017). Com relação às repercussões para a saúde da adolescente, a gravidez representa uma das principais causas de morte de mulheres entre 15 e os 19 anos, seja por complicações da gestação na adolescência, ou devido ao abortamento (NUNES et al., 2013). A gravidez indesejada, é o motivo da praticado aborto provocado e varia de acordo com a história de vida e personalidade de cada mulher, que reflete na forma como ela irá aceitar a nova condição (MORAES et al., 2017)



Quando não é planejada ou indesejada, a maternidade pode se tornar um evento opressor, uma vez que a gestação induz mudanças, incluindo a aparência do corpo, a relação com o companheiro e mesmo, mudanças nos planos profissionais (CORREIA et al., 2011). O contexto do aborto induzido é representado com maior relevância por motivos socioeconômicos, culturais, religiosos, emocionais e educacionais como centro do problema (MILANEZ et al., 2016). A ocorrência do abortamento vai além do que os dados estatísticos mostram, as condições em que esta mulher engravidou e gerou este feto não são analisadas em nenhum momento, sendo os motivos associados como, a ausência de apoio do parceiro, da família e as dificuldades financeiras (CARVALHO, 2011).

As adolescentes, com maior poder aquisitivo, utilizam as clínicas especializadas e têm acesso à assistência qualificada; enquanto, as adolescentes de renda inferior, por não terem condições financeiras, buscam pessoas, não habilitadas, e métodos abortivos rudimentares, que levam a graves complicações e até a morte (SILVEIRA et al., 2016).

Assim sendo, muitas mulheres convivem com a possibilidade iminente de morte, expressam sentimento de culpa, medo pela discriminação, falta de apoio e solidão dentro do ambiente hospitalar, quando praticam o aborto clandestino (MORAES et al., 2017). Na clandestinidade, o aborto é realizado em condições precárias e inseguras, ou seja, em ambientes sépticos e com pessoas despreparadas, inclusive pela auto-indução de medicamentos e uso do Cytotec (NUNES et al., 2013).

O abortamento torna-se a única saída para estas adolescentes e, neste desafio, elas arriscam suas próprias vidas, quando decidem interromper a gravidez utilizando-se de quaisquer recursos disponíveis. Esta decisão, muitas vezes, é vivida de forma solitária, ou sobre pressão dos parceiros ou familiares, sendo julgada e vista pela sociedade como insensível e criminoso. No instante em que provoca o aborto, ela é menosprezada, atendida de forma discriminada pelos serviços de saúde (MORAES et al., 2017).

Moreira e Folmer (2015) reforçam que a educação sexual deve ter início em casa, com orientações de pais ou responsáveis, e complementá-las em sala de aula, com abordagem confortável, a fim de esclarecer dúvidas e tornar o conhecimento significativo. Assim, a fim de minimizar essas dificuldades, torna-se fundamental trabalhar, desde a formação inicial dos futuros educadores, propostas interdisciplinares que utilizem temas transversais de relevância e urgência social (LARA et al., 2015). Desta forma, o objetivo do presente estudo foi descrever a importância da educação sexual como proposta de contribuição na diminuição de



casos de gravidez precoce, bem como aborto clandestino, com base em literatura especializada.

METODOLOGIA

O estudo constituiu-se de uma revisão na literatura, do tipo descritiva, com base em produções científicas indexadas nas bases eletrônicas de dados PEPSIC, Google Acadêmico e Scielo, os quais foram publicados entre o período de 2010 e 2020. A busca foi realizada utilizando as terminologias cadastradas nos Descritores em Ciências da Saúde (DECS) relacionados com o tema principal do estudo. Desta forma, optou-se pelos descritores gravidez e adolescência, aborto na adolescência, experiência com aborto clandestino e educação sexual na escola.

Assim, em um primeiro momento, a seleção dos artigos foi feita a partir da análise dos títulos e resumos, sendo inclusos todos aqueles que possuíam os descritores referidos. Adotou-se como exclusão, aqueles artigos que apresentavam os descritores pré-definidos associados a outros temas, distintos, como DSTs. Logo em seguida, foi realizada sua leitura na íntegra, a fim de obter aspectos de contribuição da educação sexual frente a gravidez na adolescência, bem como os casos de abortos clandestinos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A adolescência é caracterizada por uma fase de descobertas, desse modo se faz necessário o conhecimento sobre sexualidade com intuito de sensibilizar devido as suas atitudes e consequências, como é o caso da gravidez precoce (POERSCH et al., 2015). Diversas circunstâncias são determinantes para uma gravidez na adolescência, o não planejamento, a baixa escolaridade, renda familiar, antecipação da menarca, pobreza, falta de conhecimento sobre anticoncepcionais, educação sexual - ausente ou insatisfatória -, e atividade sexual precoce (CORREIA et al., 2011).

Essas variáveis, assim como outros elementos sociais, não podem ser entendidas como um acontecimento isolado, mas como um fato que pode interagir entre si e mudar de acordo com as regiões e grupos sociais. Taborda et al., (2014) abordam diversas perspectivas, que constitui importante ferramenta na prevenção da gravidez precoce, bem como do aborto. No Brasil, a prática do aborto, apesar de ser ilegal, continua sendo realizado na



população com faixa etária menor de 15 anos. Correia et al. (2011) salienta que a condição familiar, o grau de instrução e o apoio do poder público influenciam a saúde e o bem-estar da população, especialmente a adolescente.

A escola exerce o papel do saber partilhado na formação dos educandos, porém no quesito sexualidade, muitas vezes, os pais não assumem o papel de orientar seus filhos, onde tende cair toda a responsabilidade sobre a instituição escolar (MACIEL et al., 2014). A sexualidade é mais um tema, entre outros, cuja responsabilidade pela informação e formação é atribuída à escola, que agora tem mais uma entre tantas responsabilidades (BRANCALEONI E OLIVEIRA 2016). Os PCNs norteiam questões básicas referente orientação sexual, como forma de conhecimento sobre a sexualidade e tudo que a envolve (AMORIM, 2013). Nesse sentido, precisa-se discutir a formação com que estão sendo preparados os professores para encarar a orientação sexual na escola, cuja maioria se sente despreparada para abordar essa temática (BARCELOS E JACOBUCCI 2011).

O professor, como sujeito que também possui sexualidade relacionada com suas vivências, necessita ficar atento para que não ocorra transmissão de valores, crenças e opiniões como verdades absolutas no ambiente escolar (SILVEIRA, 2010). A escola precisa associar a sexualidade com a vida, a saúde, ao prazer e ao bem-estar. Além disso, essa orientação possibilita que os alunos aprendam, de maneira mais eficaz, ações preventivas das doenças sexualmente transmissíveis (FERREIRA et al., 2014).

Nessa perspectiva, entendemos que a educação sexual no contexto escolar é necessária, para a formação da sexualidade de crianças e jovens, pois visa fortalecer sua capacidade de fazer escolhas seguras, para que os educandos exerçam sua sexualidade com segurança, tranquilidade e plenitude, contribuindo, assim, para uma prática sexual saudável e responsável (GONZALEZ et al., 2015).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos critérios de inclusão, pode-se obter 17 artigos, dos quais dois abordavam sobre gravidez na adolescência; quatro abordaram a gravidez indesejada na adolescência e os fatores associados à prática do aborto e ausência de apoio familiar; três relatavam gravidez não planejada e os fatores associados à prática do aborto e as experiências de mulheres com aborto; dois com o início da vida sexual entre adolescentes e comportamentos em saúde; dois apresentaram as facilidades e dificuldades da educação sexual na escola e vivências da sexualidade na adolescência; um que abordou o silêncio da família e



da escola frente ao desafio da sexualidade na adolescência; dois com contribuições de metodologias e modelos de educação sexual na escola; e um sobre educação sexual em escolas brasileiras

Bassols et al. (2010) em seu estudo ressalta que quanto mais precoce o início da vida sexual, maiores serão as chances de ocorrer prejuízos à saúde, durante e após a adolescência, ou seja, quanto mais precoce for o início da vida sexual, acredita-se que maior será o número de parceiros sexuais.

Experiências sexuais vivenciadas em um momento que o amadurecimento psicológico ainda está acontecendo, e o conhecimento de forma inadequada sobre a sexualidade, acabam sendo expostos a riscos de saúde, e que podem terminar na ocorrência de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez não planejada (MORAES et al., 2017). Os dados apresentados por Moraes et al. (2017), demonstram que o número de gestações indesejadas está associada à falta de perspectiva para o futuro e à incapacidade de resolver tais conflitos, geram problemas como, o abandono do filho, da família, da escola ou a realização de aborto.

De acordo com Ferreira et al. (2012), apresentam fatores consideráveis que influenciam a prática do aborto como a ocorrência de gravidez ocorre dentro de relacionamentos estáveis, ter mais de dois parceiros sexuais ou trocar de companheiro antes de engravidar. Os autores afirmam que a falta de compromisso afetivo estabelecido com o parceiro, ausência desse vínculo, implica, frequentemente, em episódios de aborto.

Um estudo realizado com 6935 adolescentes, de ambos os sexos, entre 14 e 19 anos das cinco regiões brasileiras, mostrou que 3,3% relataram ter experiência de gravidez e 1,3% relataram experiência de aborto (SCHIRO et al., 2012). De acordo com Diniz e Medeiros (2010), os índices variam de 72% a 78% quando se trata de experiência de aborto induzido, isso ocorre entre adolescentes na faixa etária de 17 a 19 anos, dados estes que se referem à idade na realização do último aborto. Com isso, o aborto se torna um procedimento para a interrupção da gestação indesejada, realizado em ambientes sem padrões médicos mínimos e por pessoas não habilitadas (NUNES et al., 2013).

Em um estudo feito por Chaves et al. (2012), na cidade de Maceió estado do Alagoas, 201 adolescentes foram submetidas à curetagem uterina pós-aborto. Através da utilização de critérios indiretos para classificar a prática do aborto, consideraram que 164 adolescentes se encontravam na categoria de aborto certamente provocado. Faria et al. (2012) complementam que, mortes ocasionadas por aborto, atingem adolescentes preferencialmente, de *status* sociais desfavorecidos, residentes em áreas periféricas das cidades.



De acordo com a literatura, Souza (2010), ressalta que a prática do aborto é ocasionada por vários motivos, dentre eles os principais são mulheres dependentes do companheiro, ou de familiares e justificando a prática do aborto pelo medo e insegurança de não conseguirem manter as necessidades básicas de uma criança. Nesse sentido, chamamos atenção para a possibilidade do não uso, ou o uso incorreto, de contraceptivos, o que pode contribuir para uma possível gravidez indesejada, como, também, é demonstrado por Américo et al., (2013), os quais dizem que mulheres possuem lacunas quanto ao conhecimento sobre anticoncepcionais orais.

Tais dados corroboram com os estudos de Gondim e colaboradores (2015), os quais indicam que, aproximadamente, 70% dos estudantes adolescentes referem receber algum tipo de informação ou prática aliada à saúde sexual. Ramiro et al. (2015) relatam que, de acordo com esse aspecto a educação sexual pode desempenhar um papel relevante na triagem desta informação, contribuindo para que estas informações seja utilizada da melhor forma. Altmann (2013) ressalta a importância da educação sexual, as quais devem abordar as dimensões subjetivas, sociais e culturais da sexualidade, além dos aspectos biológicos.

Ramiro et al., (2015) considera, a educação sexual, a principal forma de prevenir comportamentos de risco, promovendo prevenção, alterando os riscos, levando em consideração a importância de adquirir competências cognitivas e comportamentais necessárias à capacidade de mudança e os fatores situacionais que possam intervir nesse comportamento ocasionado a mudança.

Contudo, a educação, para a saúde, busca a sensibilização e desenvolvimento dos jovens por parte dos agentes educativos envolvidos, bem como a família, escola, comunidade, instituição, locais de lazer e diversão. Sfair et al., (2015) destacam que a educação sexual na escola podem promover o diálogo, a troca de experiências e informações, maior autonomia quanto ao exercício da sexualidade, como podem contribuir positivamente com a saúde integral dos adolescentes e favorecer a redução de possíveis consequências indesejáveis advindas das vivências sexuais.

Silva et al. (2015) apresentam-se de acordo com os autores supracitados, mostrando que a educação sexual se apresenta como instrumento de transformação social capaz de contribuir para mudanças de comportamento e de normas relacionadas à sexualidade, com grande relevância e oportuno seu trabalho nas escolas. Apesar da importância e necessidade de discutir questões relacionadas à sexualidade no contexto escolar, o tema ainda é enfrentado como um desafio pelos docentes. De acordo com Barcelos e Jacobucci (2011), a dificuldade



que os professores apresentam está relacionada à forma como esses profissionais encaram a temática, pois ainda é vista como tabu. Moreira e Folmer (2011) corroboram inferindo que a falta de preparo dos profissionais da educação também é um dos fatores determinantes aos desafios do ensino de sexualidade nas escolas. Desse modo, faz-se necessário a formação inicial e continuada, dos professores, para que aumentem o seu campo de competências e, especialmente, de intervenção.

Tendo em vista a sensibilização, como meio de promoção da saúde nas escolas, é de extrema importância uma formação pessoal e social, com base em modelos de intervenção nas escolas. É essencial que este modelo se desenvolva tendo em conta as características próprias da adolescência e que se generalize às escolas de todo o país, permitindo que se consigam obter ganhos na saúde dos nossos adolescentes (RAMIRO et al., 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência é compreendida por uma fase de transformações, curiosidades e descobertas. Devido a isso, o início da vida sexual precoce, acarreta várias consequências como as DSTs, gravidez indesejada, falta de planejamento e suporte familiar. Estes fatores acabam por buscar a prática clandestina do aborto, que apesar de proibido por lei no Brasil, é frequentemente realizado.

A família e a escola são importantes na transmissão de informações e orientação. A educação sexual acontece de forma transversal nas escolas brasileiras, destaca-se a necessidade de maior atenção a essas ações. A discussão sobre sexualidade, nos espaços escolares, implica em estimular que esse debate seja estendido à sociedade de modo que os indivíduos não tenham medo de falar abertamente sobre os assuntos relacionados às práticas sexuais, e orientação sexual, pois, essa mudança de perspectiva pode ser transformadora, tanto para a vida dos adolescentes quanto para seu meio social.

Desta forma, desenvolver temáticas e estratégias metodológicas nas aulas de biologia apresenta-se como uma alternativa, na ausência da abordagem direta sobre o tema nas aulas do ensino básico. Com isso, pretende-se sensibilizar o jovem ao conhecimento de sua própria sexualidade, sendo um processo contínuo e permanente de aprendizagem a fim de comportamentos saudáveis.

REFERÊNCIAS



AMÉRICO, C. F. Conhecimento de usuárias de anticoncepcional oral combinado de baixa dose sobre o método. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v. 21, n. 4, p. 1-7, 2013.

AMORIM A. M. M, FREITAS L. M. Que temas sobre sexualidade mais interessam aos jovens e adultos? Análise em uma escola parceira do PIBID/UFPA What topics on sexuality are most popular with young people and adults? Analysis in a partnerschool of PIBID / Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – IX ENPEC Águas de Lindóia, SP – 10 a 14 de Novembro de 2013 Educação em saúde e Educação em Ciências

ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro: CLAM/UERJ, n. 13, p. 69-82, abr. 2013.

BASSOLS, A.M; BONI R, P.F. Álcool, drogas e comportamento sexual de risco estão relacionados à infecção pelo HIV em adolescentes do sexo feminino. *Rev Bras Psiquiatr* 2010; 32(4): 361-8.

BARCELOS, N.; N. S.; JACOBUCCI, D. F. C.. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de ciências e biologia. *Revista Eletrônica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 10, n.2, p. 334–45, 2011. Disponível em: . Acesso em: 16 nov 2020

BRANCALEONI, A. P. L.; OLIVEIRA, R. R. Educação sexual na promoção do respeito à diversidade sexual e de gênero. *ELO Diálogos em Extensão*, v.5, n. 2, p. 57- 62, 2016.

CARVALHO, S.M. ; PAES, G.O. ; LEITE, J.L . Mulheres jovens e o processo do aborto clandestino: uma abordagem sociológica. *Rev Saúde Sexual e Reprodutiva*. 2011;52:1-18.

CHAVES, J.H.B, PESSINI L, BEZERRA A.F.S, REGO G, NUNES R. A interrupção da gravidez na adolescência: aspectos epidemiológicos numa maternidade pública no nordeste do Brasil. *Saúde Soc* 2012; 21(1):246-256

CORREIA, D.S.; CAVALCANTE, J.C.; EGITO EST, MAIA EMC. Prática do abortamento entre adolescentes: um estudo em dez escolas de Maceió (AL, Brasil). *Ciência Saúde Coletiva* 2011 Mai; 16 (5): 2469-2476. 4.

COSTA, M.M. ; M. DA; FREITAS, M. V. P.de GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: ONDE ESTÃO OS PAIS? XV seminário Nacional Demandas Sociais e políticas publicas na sociedade contemporanea,2019 issn:2447 8229.

DIAS, F. L. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. *Revista Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 456-461, 2010.

DINIZ, D.;MEDEIROS,A. Pesquisa Nacional de Aborto 2016. *Ciênc Saúde Colet* 2017; 22:653-60

FARIA E.C.R.; et al. Abortamento na adolescência: vivência e necessidades de cuidado. *Rev. Gaúcha Enferm*, v. 33, n.3, p. 20-26, 2012.

FERREIRA, C.L.; BRAGA, L.P.;MATA, A.N.S.; LEMOS,C.A.; MAIA, E.M.C. Repetição de gravidez na adolescência: estudos sobre a prática contraceptiva em adolescentes. *Estud. pesqui. psicol.* 2012 abr; 12(1):188-204.



FERREIRA, G.; ARAÚJO, C. W.; OLIVEIRA, K. A. Gênero, sexualidade e orientação sexual em Senhor do Bonfim /BA. Revista Extendere, vol. 02, n. 01, p. 166-176, 2014.

GONDIM, P. S.SOUTO, N. F.MOREIRA, C. B.CRUZ, M. E.C.da; CAETANO, F. H.P.MONTESUMA, F.G.Acessibilidade dos adolescentes às fontes de informações sobre saúde sexual e reprodutiva. Journal of Human Growth and Development, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 50-53, 2015.

GONÇALVES, H;MACHADO, E.C ;, GONÇALVES A.L. ;SOARES', CAMARGO- F.A. F.SEERIGI,L. M. ;, MESENBURG, M. AGUTTIERM. ;, BARCELOS, R. S.BUFFARINI R. ;, FORMOSO,M. C.A. ;, Hallal,P.C. ; Baptista,A. M. M. início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde REV BRAS EPIDEMIOL JAN-MAR 2015; 18(1): 1-18

GONZALEZ, A. E.; MOLINA, G. T.; LUTTGES, D. C. Características e la educación sexual escolar recibida y su asociación con la edad de inicio sexual y uso de anticonceptivos en adolescentes chilenas sexualmente activas. Revista Chilena de Obstrecia Gynecologica, v. 80, n. 1, p. 24-32, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR 2012. BRASÍLIA: MINISTÉRIO DA SAÚDE; 2013.

LARA, S.; SALGUIERO, A. C.F.; PUNTEL, R.; FOLMER V.. Trabalhando a interdisciplinaridade com o tema transversal saúde na formação inicial de estudantes do curso normal. Revista Ciências & Ideias. v. 6, n.2, p.116-134, jul/dez. 2015. Disponível em:Acesso em: 16 nov 2020

MACIEL, J. A. C.; ROCHA, S.; ALVES, J. G.; CARVALHO, Q. M.; BARBOSA, F. B.; TEIXEIRA, A. M. Sexualidade na adolescência: dialogando e construindo saberes através do pet saúde/redes de atenção no município de Sobral – Ceará. Sanare-Revista de Políticas Públicas, v. 13, n. 01, p. 64-68, 2014.

MILANEZ, N. Gravidez indesejada e tentativa de aborto: práticas e contextos. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana. n. 22, p. 129-147, 2016.

MORAES, E. V. DE.; TOLEDO, O. R. DE.; DAVID, F. L. AVELINO, M. M.; CAMPOS R.N. Gravidez na adolescência e aborto: Implicações da ausência de apoio familiar. Adolesc. Saude, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 16-23, jul/set 2017

MOREIRA, B.L. R.; FOLMER, V.Percepções de professores de ciências e educação física acerca da educação sexual na escola. Experiências em Ensino de Ciências v.10, n. 3, 2015. Disponível em: . Acesso em: 16 nov 2020

NUNES, M .D, MADEIRO A, DINIZ D. Histórias de aborto provocado entre adolescentes em Teresina, Piauí, Brasil. Ciênc. Saúde Colet. 2013; 18(8):2311-8.



PARCERO, S. M. J. Características do relacionamento entre a mulher e seu parceiro na ocorrência de gravidez não planejada. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 31, n. 2, P. 1-11, 2017.

POERSCH, K. M.; KLIEMANN, B. C. K.; LIMA, B. G. T. Reflexões sobre o trabalho com sexualidade no Ensino Fundamental: desafios e possibilidades. *Revista Ensino, Saúde e Ambiente*, v. 8, n.02, p. 37- 49, 2015.

SOUZA Z. C.S.N, DINIZ N.M.F, COUTO T.M, GESTEIRA S.M.A. Trajetória de mulheres em situação de aborto provocado no discurso sobre clandestinidade *Acta Paul Enferm* 2010;23(6):732-6. 2010

SFAIR, S.C.; BITTAR, M.; LOPES, R.E.. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 620-632, 2015.

SILVA, D. M..; Sexualidade na adolescência: um relato de experiência. *Revista de enfermagem UFPE online*, v. 7, n. 3, p. 820-823, 2013. . Acesso em 18 de jun. de 2018.

SILVA, G.S.LOURDES, L.A.de; BARROSO, K.de A.; GUEDES, H.M.Comportamento sexual de adolescentes escolares. *Revista Mineira de Enfermagem*, v.19, n.1, p. 154 – 160, 2015. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/993>. Acesso em: 15 nov .2020

Silveira, A. da; Donaduzzi, J. ;C.; Pereira, A. D.; Neves, E.T. EDUCAÇÃO SEXUAL COM ADOLESCENTES: UMA ABORDAGEM DE PESQUISA PARTICIPATÓRIA NA ESCOLA. *Journal of Nursing UFPE / Revista de Enfermagem UFPE* . 1/1/2010, Vol. 4 Issue 1, p145-152. 8p.

SILVEIRA P, MCCALLUM C, MENEZES G. Experiências de abortos provocados em clínicas privadas no Nordeste brasileiro. *Cad Saúde Pública* 2016; 32:e00004815

TABORDA J.A, SILVA F.C.D, ULBRICHT L, NEVES E.B. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. *Cad. Saúde Colet* 2014 mar; 22(1).

SCHIRO E. D .B, DIAS A.C .G, NEIVA.L, NIETO CJ, KOLLER SH. Características familiares y apoio percebido entre adolescentes brasileiros com y sin experiência de embarazo. *Avances en Psicología Latinoamericana* 2012; 30(1):66-82. 14.

DINIZ D, MEDEIROS M. Aborto no Brasil: uma pesquisa domiciliar com técnica de urna. *Cien Saude Colet* 2010; 15(Supl. 1):959-966.